

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 175 — Domingo, 14 de Outubro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO  
FABRICA DE CARIMBOS  
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO  
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS  
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA

## A NOBRE VIRTUDE DA CARIDADE LUSITANA

COMO de costume, em vários pontos do País se têm feito, nesta quadra, os já tradicionais cortejos de oferendas, em favor das Misericórdias locais. Também, como sempre, as freguesias dos concelhos onde tais cortejos se realizam fazem tudo o que podem, a fim de qual delas se patentear mais generosa, a bem dessas seculares ins-

Pela nossa terra

### DIZEM OS LEITORES...

...Que a estrumeira na estrada do Cemitério, cerca da Electro Fabril, que em tempos tinha sido objecto duma reclamação deste semanário, já renasceu, como a Fénix, depois da limpeza que lhe fora feita pelos zelosos serviços municipais, após o nosso reparo.

Antes que o monturo se avolumasse ainda mais, com o consequente foco de infecção para a saúde pública, aqui registamos o facto, esperando que se não façam esperar providências rigorosas para que a vizinhança não continue a despejar ali os detritos, por não se dar ao incómodo de utilizar os serviços de limpeza da Câmara. Ao mesmo tempo, sugerimos a conveniência de serem dadas instruções aos encarregados da recolha dos lixos urbanos para que estes senhores funcionários da carroça não se recusem a receber, nas casas por onde passam, de manhã, quaisquer dejectos que lhes sejam apresentados, como julgamos deve ser da sua obrigação.

...Que se notam, às vezes, certas incómodas e

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

A nova campanha dos C. T. T....

### CINCO TOSTÕES cada pergunta

COMO o assunto se reveste de interesse geral, pois raro será o leitor que não utilize frequentemente o telefone, aqui deixamos a recomendação a quem dela possa tirar proveito.

De futuro, leitor amigo, quando pretender uma ligação telefónica interurbana, não faça perguntas, não «pie», pois cada «pio» custar-lhe-á uma «corôa». Aqueles vulgares pedidos de esclarecimentos que até há pouco se faziam — «A chamada está muito demorada?», para sabermos se havemos ou não de transformá-la em urgente, ou o clássico «Pode dizer-me se há muito serviço?» — estão, desde há dias, sujeitos a

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

tituições, o mesmo que dizer a bem dos doentes e dos pobres da sua região. A caridade bem ordenada começa por nós, e, assim, justo e razoável é que a caridade de todos os que compõem as freguesias e os concelhos, pelos necessitados e doentes das freguesias e dos concelhos comece.

A instituição dos cortejos de oferendas podemos dizer que nasceu com a Revolução Nacional, ou, mais propriamente, com o Estado Novo ou Corporativo, ao qual chamou Salazar um dia: — Estado pessoa de bem. Senão a ideia, a mesma posta em prática o mais assidua e sistematicamente — e tudo porque de harmonia com a doutrina cristã da Igreja — obliterada com o liberalismo — obras de caridade não cumprem ao Estado, senão aos particulares, e, quando muito, em colaboração com o Estado.

Bem havemos de ver e compreender que o Estado, em suas funções específicas, apenas é obrigado a tratar das condições gerais da vida social — palavra que já foi dita por Salazar — e, de certo modo, a acudir às necessidades mais gerais e prementes, em todos os aspectos. Todavia, não se há-de substituir a iniciativa individual, pois, como queremos nós que nos res-

peite a liberdade natural — dom que lhe não devemos — se para cima dele atramos com as nossas obrigações de filhos da mesma Pátria, de homens irmãos de natureza, de cristãos membros da mesma Fé e Igreja? Porque somos cristãos; porque o Estado Corporativo respeita a fé da Igreja de Cristo; porque a

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

### Coronel SOUSA ROSAL

Esteve recentemente na Itália, França e Inglaterra, em serviço oficial, o nosso ilustre comprovinciano e prezado assinante, sr. coronel Manuel de Sousa Rosal Jor. Cumprimentando o brilhante militar e prestigioso deputado pelo Algarve, formulamos sinceros votos pelo completo êxito da missão que, por incumbência do nosso Governo, desempenhou no estrangeiro.

### CONTO NATURALISTA

## SOMBRA DE MULHER

FEZ hoje um ano que tive uma discussão acalorada com o meu prior. Foi precisamente no mês de Setembro, quando as tardes se revestem de uma doce melancolia, as folhas das árvores começam a cair e as andorinhas a demandar outras regiões.

## PORTUGAL NA DEFESA DO OCIDENTE

A IMPORTÂNCIA da participação portuguesa no plano defensivo da Europa tornou-se agora ainda mais evidente, depois das manobras militares de Santa Margarida. Perto de 30.000 homens reuniram-se ali em exercícios finais de adestramento. Chefes experimentados pela guerra — Montgomery e Carter, além de muitos outros — estiveram presentes, para averiguarem a eficiência das nossas forças e dizerem de sua autoridade.

«O esforço militar português no quadro da aliança que une tantos países livres não afrouxará» — declarou o ministro da Defesa, coronel Santos Costa, na sessão de encerramento das manobras.

Pormenor de interesse, pode-se ajuntar que, fora o dispendido pelo orçamento normal, a Nação terá de pagar, em despesa extraordinária com estas manobras,

cerca de mil escudos por homem. Juntando aos gastos em munições, materiais e equipamentos, teríamos uma soma considerável, índice de quanto onera hoje os Estados do Ocidente a responsabilidade das suas alianças militares para a defesa de uma civilização comum e do princípio da liberdade dos povos.

Não nos limitamos, porém, a apetrechar o Exército e prometer contingentes de tropas, em caso de conflito. Portugal constitui hoje um ponto estratégico da defesa atlântica. Como salientou o general Botelho Moniz, as chaves vitais dessa defesa são «três cruzes geopolíticas — a ibérica, a mesopotâmica e a polar ártica». Uma terceira divisão portuguesa está destinada a enfileirar na linha avançada da Europa, mas duas outras terão de subir aos Pirinéus, para defender ali Gibraltar e assegurar a comunicação do Mediterrâneo com o Atlântico, de cooperação com as forças navais e aéreas.

Está assim visto que a nossa posição geográfica nos colocaria, em caso de

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

### IMPrensa

#### «Correio de Azeméis»

Com a publicação do n.º 1.646, entrou no 35.º ano de publicação o nosso prezado colega «Correio de Azeméis». Ao seu director, sr. dr. Martinho Luís de Almeida, e a todo o corpo redactorial, o «Notícias do Algarve» apresenta sinceros votos de continuidade.

#### «Voz do Sul»

Passou, no dia 5 do corrente, o 42.º aniversário do nosso prezado colega de Silves, «A Voz do Sul». Por tal motivo, apresentamos ao seu distinto director, sr. Henrique Martins, e a quantos nele trabalham, cumprimentos de felicitações com votos de muitas prosperidades.

### CARTA DE LISBOA

## AS FESTAS DO OUTONO

EM Lisboa, pitoresca e viva, dum céu azul só com contraste agradável no colorido das suas avenidas rasgadas, amplas e com pontos de contacto na espaiada toalha glauco-azulina do seu Tejo, em estuário franco, sobrevoado de gaivotas, vão realizar-se, este mês ainda, as anunciadas festas outonais, tendo em vista a valorização dos festejos populares, sob patrocínio do Turismo e por iniciativa do Governador Civil olissiponense, dr. Mário Madeira. Para o efeito, os estabelecimentos citadinos darão o seu concurso,

### COMPARTICIPAÇÕES PARA MELHORAMENTOS no Algarve

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pela verba do «Fundo do Desemprego», as seguintes comparticipações para melhoramentos na nossa província: À Câmara Municipal de Lagoa, para pavimentação de arruamentos, 30.000\$00; à Câmara Municipal de Portimão, para instalação dos Paços do Concelho, no palácio Bivar, reforço, 15.200\$00; à Câmara Municipal de S. Brás de Alportel, reforço, 5.850\$00; à Junta Central da Casa dos Pescadores, para construção de casas destinadas aos pescadores na Fusetta, reforço, 16.198\$00.

ornamentando as suas montanhas, decorando-as a capricho, bem como concorrendo os órgãos representativos da Imprensa e oficiais.

Entre os números a apresentar, figurarão cortejos

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

### CRÓNICA DE VIAGEM

## O DESENVOLVIMENTO CINEMATOGRAFICO NA INDONÉSIA

Por ROBBIN DE MACEDO

NESTE momento, em que me ocupo dos estudos sobre a Indonésia, para os dar a conhecer aos meus leitores, ocorreu-me tratar da história da produção cinematográfica na Indonésia, a qual remonta a 1927-28, quando foram feitos os primeiros filmes em Bandung, pelos europeus Krugers e Carli, os quais escolheram como tema os conflitos sociais então existentes na sociedade, entre os grupos populacionais europeus e indonésios. Eis os títulos de alguns desses filmes: «Sarinah», «Laços de sangue», «O auto-sacrifício de Karina», produzidos por Carli. Enquanto que o produtor Krugers utilizou indonésios para actores e actrizes, o seu camarada Carli serviu-se, na maioria, de indo-holandeses.

Embora os pioneiros da produção de filmes na Indonésia fossem europeus, quem lhe trouxe a expansão foram, principalmente, os chineses, acalentados pela grande possibilidade de lucros que se lhes oferecia. Os filmes chineses foram muito populares entre a secção chinesa da comunidade. Os argumentos eram, na maioria, ti-

rados de velhas lendas, representando a vida familiar no período passado.

Os primeiros filmes feitos por produtores chineses, na Indonésia, seguiram o exemplo dos filmes chineses importados e eram, também, relacionados com a vida familiar, de acordo com a velha tradição. Entre os filmes apresentados está o «Lírio de Java», interpretado por actores chineses, com texto em chinês e sino-malaio. Era particularmente destinado aos chineses que viviam na Indonésia.

Nos anos seguintes, a indústria cinematográfica desenvolveu-se ali rapidamente. Foram estabelecidas muitas companhias cinematográficas. Os argumentos apresentados eram, na maioria, tirados de livros chineses já bem conhecidos nos círculos indonésios e chineses, como, por exemplo, «Os 8 espadachins».

Todos os filmes eram mudos,

pois só em 1930 foi introduzido na Indonésia o primeiro filme sonoro, aliás com bons resultados, sendo óbvia a influência dos filmes importados da China.

Porém, o ano de 1935 foi um marco milário na história da indústria cinematográfica indonésia. Neste ano foi feito o filme «Pareh», pelo holandês Mannus Franken, o qual se distinguiu dos anteriores por o seu objectivo ser o despertar o interesse da população estrangeira, em particular a holandesa, pelo modo de vida na Indonésia. O argumento foi escrito especialmente para esse filme na língua malaia, e era a história da vida diária da comunidade de uma aldeia indonésia.

Com este filme, o interesse informativo suplantou o comercial, o mesmo sucedendo aos que se seguiram, apresentando argumentos sobre a vida na Indonésia e

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## UMA «GRASNADELA» INFELIZ

NUM dos últimos números do «Diário de Notícias» na secção «A Cidade», um jornalista distinto e artista de muito merecimento, dependurou no bico de um dos corvos da heráldica alfacinha, férteis em comentários espirituosos, um pequeno rol de temas desagradáveis. Entre outros, todos particularmente antipáticos para o desenfastiado crónista — como, por exemplo, «cheio a trazeiras do Coliseu», «Revisor da C. P. que revisa três vezes o bilhete até o Porto», «Automóveis com o letreiro do Estado (sobre pevide branca) que vão levar funcionários pequenos ao liceu», etc. — acrescentou este, de causar arrepios «O monumento ao Infante levantado num local onde nunca irá alguém para o ver».

Talvez o brilhante jornalista e cineasta aposentado preferisse o sr. D. Henrique nas trazeiras do Coliseu ou à porta da Adega Machado, como locais de mais fácil acesso aos basbaques. E' uma questão de gosto — e gostos não se discutem.

De espantar, no entanto, e semelhante afirmação fei-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

### 2.º TENENTE

#### MANUEL F. DOS SANTOS DOMINGUES

Por ter ficado aprovado em concurso documental, aberto pela Direcção Geral do Ensino Técnico Profissional, foi nomeado professor provisório do 6.º grupo-1.º grau da Escola Industrial e Comercial de Faro, o nosso prezado amigo e assinante sr. 2.º tenente Manuel Francisco dos Santos Domingues.

## UMA ESTÁTUA para Amália!

NO jornal «O Primeiro de Janeiro», do dia 9-6-56, podia ler-se a seguinte local: *Almoço de homenagem a Amália Rodrigues — Amália Rodrigues foi ontem homenageada com um almoço, a pretexto do recente êxito que obteve em Paris, a que assistiram numerosas individualidades do nosso meio artístico, literário e social. No final do almoço, usaram da palavra o actor Erico Braga, que leu numerosos telegramas, entre os quais um do sr. dr. Júlio Dantas e outro da actriz D. Amélia Rey Colaço, e Amália Rodrigues, para agradecer a homenagem. Já anteriormente os nossos jornais tinham largamente noticiado esse tal êxito que Amália obtivera, publicando telegramas nos quais se salientava a maneira entusiástica como Amália fora saudada no final das suas actuações, por toda a assistência do «Olympia» e em especial pela colónia lusa com o sr. Embaixador de Portugal à frente. A isto acrescentaremos as seguintes notas respigadas dos nossos apontamentos, notas que se referem a extractos de notícias ou reclamações então vindos a público: A sala do Ribio encheu-se da mais selecta assistência. Viam-se algumas das melhores famílias do Porto. Amália foi aplaudidíssima.*

Alguns amigos de Amália ofereceram-lhe, no «Negresco», uma festa a que assistiram algumas centenas de pessoas da mais fina sociedade lisboeta.

Amália regressa a Lisboa, depois duma «tourné» triunfante pelas Américas. A E. N. mobiliza os seus serviços técnicos e destaca um dos seus melhores (?) locutores para a reportagem da chega-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Em viagem de negócios, esteve na capital e no Norte do País o nosso prezado amigo e assinante sr. José de Brito, conceituado industrial nesta vila.

De visita a sua família, encontra-se entre nós, tendo-nos dado o prazer de o cumprimentarmos na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. Sérgio Viegas Belo, que tem estado em tratamento em Lisboa.

Em gozo de férias, encontra-se nesta vila o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Natércio dos Reis Faustino, residente em Lisboa.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante sr. Manuel Fernandes Aleixo, residente em Lisboa.

Encontra-se entre nós, tendo-nos dado o prazer da sua visita à nossa Redacção, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Teófilo Rita Néné, residente em Lisboa.

Com sua esposa e filhos, regressou da sua viagem por Espanha o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Cavaco, conserador do Registo Predial nesta vila.

Tem andado em viagem de recreio, por Espanha, acompanhado de sua mãe, a sr.ª D. Maria Jorge Ramos, distinta funcionária do Governo Civil do distrito de Faro.

Retirou desta vila, aonde veio com curta demora, o nosso prezado assinante em Tancos, sr. José Manuel Baptista, 1.º cabo paraquedista.

Em gozo de licença, encontra-se nesta vila o sr. Francisco da Silva Martins, nosso prezado assinante em Lisboa.

Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo sr. Jacinto da Assunção Pinto, chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Albufeira.

Com pouca demora, esteve entre nós o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. José Ventura, residente em Isla Cristina.

Vimos nesta vila, acompanhado de sua família, o nosso prezado amigo e assinante sr. Diamantino Cardoso.

De visita a sua família, esteve nesta vila, com sua esposa e filhas, o nosso amigo sr. José Riben Martins, funcionário técnico dos C. T. T.

### Nascimento

Na sua residência, em Lisboa, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Arminda Trindade Águas, esposa do sr. João dos Reis Águas, funcionário do Banco Nacional Ultramarino.

### Batismo

Realizou-se, no passado dia 7 do corrente, na igreja paroquial desta vila, o batismo da menina Rita Ramos Branquinho, filha da sr.ª D. Maria Vitória Simplicio Ramos Branquinho e do sr. Manuel do Carmo Branquinho.

Foram padrinhos sua tia paterna, sr.ª D. Antónia do Carmo Branquinho e seu tio materno, sr. Inácio Simplicio Ramos.

### Casamentos

No dia 6 do corrente, realizou-se na paroquial desta freguesia o casamento da sr.ª D. Rita da Silva Noy com o sr. José Gimenez, fiscal dos C. T. T., em Lisboa.

Apadrinharam o acto nupcial, por parte do noivo, o sr. Virgílio Antunes Lança e sua esposa, sr.ª D. Fernanda Martins Lança, e por parte da noiva, o sr. Norberto Bento Domingues e sua filha, sr.ª D. Maria da Encarnação Pereira Domingues.

Aos recém-casados, que fixaram residência na capital, desejamos muitas felicidades.

No passado dia 22 de Setembro, realizou-se na igreja de S. Sebastião, em Quelfes, o casamento da professora sr.ª D. Vitória Maria Salas, filha da sr.ª D. Maria Ramos Salas e do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Ribeiro Salas, industrial em Olhão, com o sr. Joaquim Correia de Brito da Mana, comerciante em Loulé, filho da sr.ª D. Mariana de Jesus Cor-

## PELA NOSSA TERRA DIZEM OS LEITORES...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

aborrecidas faltas de leite, na vila, causando irregularidades no abastecimento público do precioso alimento e sérios prejuízos a muitos doentes que dele necessitam, especialmente aos que o têm como único e exclusivo alimento. Não sabemos se a carência será devida a qualquer diminuição produtiva do gado ou se é a fiscalização sanitária que, por vezes, o não encontra em condições de consumo e venda. Em qualquer caso, impõem-se providências, porque o abastecimento de leite ao concelho implica deveres especiais da parte da entidade produtora e distribuidora, visto envolver interesses de sanidade pública. Acresce que, por ocasião destas faltas súbitas, o consumidor é obrigado a ir comprá-lo, quase por favor, à Central Leiteira, onde lhe é vendido o copo, à razão de 4\$00 o litro, ou noutros estabelecimentos, ainda mais caro, o que realmente não está certo.

...Que foi benvinda e muito oportuna a determinação, tomada em sessão do Conselho Municipal de 14 de Setembro passado, regulamentando devidamente o funcionamento de aparelhos de rádio, altofalantes, etc., na via pública.

Segundo o mesmo diploma, cujo edital já foi afixado, o uso imoderado destas fábricas de ruídos indesejáveis vai ser restringido e fiscalizado, como de há muito se impunha, a bem do sossego da população, a qual sofria os incómodos de ter de aturar, forçadamente, dentro das suas casas, a barulheira suplicante de cer-

### CONSIDERA-SE REQUISITADO TODO O SAL

### EXISTENTE NAS MARINHAS OU ARMAZÉNS

TORNANDO-SE indispensável assegurar, com a maior urgência, o abastecimento público de sal e os fornecimentos à frota bacalhadeira e à indústria química, em virtude da escassez da actual safra, motivada pelas más condições climáticas, o sr. subsecretário de Estado da Agricultura, por despacho do passado dia 2, determinou que se considere requisitado pela Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos todo o sal existente nas marinhas e armazéns de produtores e armazénistas, ou que vier a ser produzido na presente temporada nos salgados do Tejo, Sado e Algarve.

A requisição produzirá desde já os efeitos seguintes: a) — Imobilização de todo o sal produzido ou a produzir, na posse dos actuais ou futuros detentores. b) — A sua entrega à várias entidades consumidoras, consoante as necessidades dos diversos mercados, garantindo-se os preços da tabela e a transacção do produto através dos intermediários estabelecidos.

reia e do sr. Joaquim de Brito da Mana.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seu irmão, sr. António Ribeiro Salas, funcionário do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, e, por parte do noivo, seu pai.

Após a cerimónia, foi servido, na residência dos pais da noiva, um fino «copo-de-água».

Os nossos cumprimentos de felicitações.

tos radiófilos desenfreados em comprovarem a potência dos respectivos receptores, ou dos muitos propagandistas, que agora pululam, em veículos providos de altofalantes, que massacravam os tímpanos e os nervos de cada um com a sua publicidade estridente.

Mesmo durante a feira local, em que já todos nos tínhamos resignado a suportar os três ou quatro dias de calvário para o bichinho do ouvido, a regulamentação veio impor um pouco de moderação aos proprietários dos emissores e amplificadores sonoros, pois limita o seu funcionamento a condições de não perturbarem o sossego dos vizinhos do recinto da feira ou do público, em geral.

Assim é que está bem, e não há que regatear encómos à deliberação que, em boa hora, foi tomada pela nossa ilustre edilidade.

### Novos Postos Telefónicos

Foram criados e abertos à exploração postos telefónicos públicos em Benfarras, concelho de Loulé, e Guerreiros do Rio, concelho de Alcoutim. Foram nomeados seus encarregados, respectivamente, os srs. Inácio Rodrigues Dias e José Custódio Palma de Jesus.

### 5.100 CONTOS para novas Escolas

REVOLUÇÃO Nacional, — aliás dentro do seu próprio significado de regresso às fontes da tradição portuguesa, mas regresso que tem em conta uma actualização constante, — demonstra à luz dos factos a sua exponência de ordem espiritual, não ignorando o País quanto se tem feito neste sentido, nos últimos trinta anos, e, nomeadamente, no aspecto do ensino.

No prosseguimento da execução do Plano dos Centenários e por despacho do sr. ministro das Obras Públicas, em cooperação eficiente com o Ministério da Educação Nacional, foram agora adjudicados mais 62 edifícios escolares, no valor de 5.100 contos, incluídos na VI fase daquele plano, distribuídos respectivamente, pelos distritos de Viseu (7), Beja (9), Portalegre (3), Braga (8), Aveiro (5), Bragança (2), Faro (7), Porto (1), Setúbal (6) e Santarém (18).

Estudando as diversidades de clima das regiões e as respectivas diferenciações de estilo de construção, coadunadas às correspondentes características ecológicas e etnológicas, o Plano dos Centenários tem, sobretudo, em vista dispensar ao País possibilidades de boa acomodação das crianças em idade escolar, e lhes dispensar material didáctico eficiente, de modo a lhes serem proporcionadas, em toda a parte, as mesmas facilidades de aprendizagem, ao mesmo nível técnico e com as melhores instalações, dentro de um critério de equanimidade e uniformização, da capital à mais modesta aldeia da província.

Os próprios números citados indicam quanto ao Governo interessa o bem-estar das crianças e a sua preparação para o futuro, — como adultos de amanhã, — como aqueles a quem estarão confiados os altos interesses e valores espirituais da Nação, — dispensando comentários.

## Vila Real de Santo António

Algarve de antigas lendas  
E das moiras encantadas,  
Do teu solo surgem prendas  
De belezas ignoradas.

Ó Vila Real, tão formosa,  
À beirinha do Guadiana,  
Tu és a flor mais vícosa  
Desta terra Lusitana.

Revê-te a todo o momento  
Nas águas calmas do rio  
Na expressão dum sentimento  
De vaidade e desafio.

Há nas tuas construções  
Imponência que domina,  
Nas belas cintilações  
Duma traça «Pombalina».

Na rude faina da pesca  
Teus filhos ganham seu pão.  
E quantos, ganhando a vida,  
Têm no mar o seu caixão.

Em Monte Gordo, afinal,  
Complemento do meu sonho,  
Encontrei um areal  
Que me deu um ar tristonho:

Só por não saber cantar  
Em vibrante melopeia,  
As ninfas vindas do mar  
E repousando na areia.

Mas só pude visionar  
Que as moiras eram ali,  
E lenda não era tal  
O quadro que lá vivi.

Fiquei preso a seus encantos!  
Mesmo acordado, sonhei!  
E se os sonhos foram tantos,  
Os encantos, já nem sei.

Porém, se um dia partir  
Desta terra tão mimosa:  
Eu partirei a sentir  
«Saudez» mui dolorosa.

Serás tu, Vila Real,  
Orgulho do meu parnasso,  
Pois o sobrenatural  
Jamais redunda em fracasso.

23/9/1956.

Ruy de Além-Tejo



## PROVINCIA

### TAVIRA

#### Novo Arrastão

Segundo lemos nos jornais da Capital, há dias, os srs. ministros da Marinha e das Corporações presidiram à cerimónia do «bota-abaixo» do novo arrastão «Aljezur» na Figueira da Foz. E lembrarmo-nos nós de que temos um arrastão a apodrecer no fundeadouro das «Quatro Águas», sem haver ninguém que lhe acuda. Como se deixa perder tanto dinheiro, santo Deus!

#### Estacionamento de Automóveis

Continuamos a verificar o péssimo costume de estacionar automóveis e camionetas na via principal desta cidade — Rua da Liberdade.

Como esta artéria é ponto obrigatório de passagem de Faro a Vila Real de Santo António, muitas vezes fica o trânsito «engarrafado», em

virtude dos estacionamentos daquelas viaturas. Já é tempo de se pôr cobro a este estado de coisas, pois há pessoas que fazem desta rua «garagem». Que se estacione para carregar ou descarregar, está bem, mas por sistema estar um dia inteiro, e às vezes a noite, estacionado na rua principal, não está certo.

#### Rápido do Algarve

Deixou de ser diário o comboio chamado «rápido», que liga o Algarve a Lisboa, passando a realizar-se três vezes por semana, nos dois sentidos. Os 290 quilómetros que separam Faro de Lisboa são percorridos em 7 horas e 15 minutos, quando o «rápido» do Porto gasta pouco mais de 5 horas para percorrer os 343 quilómetros que separam aquela cidade de Lisboa. O Algarve necessita de que a C. P. mantenha diariamente uma automotora que ligue esta província à Capital, promessa que a C. P. há tempo fez. E' agora a ocasião para tal, e assim a nossa província ficaria reconhecida.

#### Luz Eléctrica

Seu explicação alguma para com os munícipes, tem faltado a luz eléctrica na presente semana, em Tavira. Sômente é fornecida a particulares e com pouca voltagem.

Nas ruas, só depois das 10 horas se acendem os candeeiros de iluminação pública e também com pouca voltagem. Pedimos providências, pois temos o inverno à porta e às 19 horas já é noite cerrada. — C.

### COBRANÇA DE ASSINATURAS

Informamos que estamos procedendo à cobrança das assinaturas referentes à 18.ª série e também de algumas que estão em atraso.

Contamos que, como de costume, os nossos estimados assinantes providenciarem de forma a que os recibos sejam liquidados no momento da sua apresentação, o que nos evita desnecessários transtornos e despesas.

Nos nossos assinantes das Províncias Ultramarinas e do Estrangeiro, que tenham as suas assinaturas em atraso, pedimos o favor de nos mandarem as importâncias dos seus débitos, directamente ou por intermédio de pessoas de família residentes em Portugal continental.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

#### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 13 a 19 de Outubro, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito, Telefone 31.

## CONSERVAS DE QUALQUER PEIXE

Vendo o que sei, incluindo ferramentas (especiais) a fazerem-se.

Fabrico sardinhas com o necessário paladar a sal, sem o auxílio de moira, afirmando que, com qualquer temperatura, minutos depois do peixe cozido, podem-se enlatar, ficando a conserva sem vestígios de água no azeite.

Destes novos métodos, para se obterem melhores fabricos, trata Henrique Claro, Avenida dr. Bernardino da Silva, 98-1.º — Olhão.

## AGENDA

### MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 6 a 12 de Outubro:

#### TRAINEIRAS

Leste	52.800\$00
Flor do Sul	43.120\$00
São Torquato	35.280\$00
Audaz	27.775\$00
Maria Rosa	27.430\$00
Tozé	23.450\$00
Infante	20.950\$00
Janita	15.910\$00
Brisa	13.960\$00
Conceçanita	11.600\$00
Lenita	9.845\$00
Liberta	9.070\$00
Novo S. José	6.150\$00
Flor do Guadiana	3.550\$00
Total	300.890\$00

### Movimento de Navios no Porto

de Vila Real de Santo António

De 6 a 12 de Outubro:

#### Entrados:

MADALENA, Português, de 1.198 ton., de Setúbal, com carga em trânsito.

CONDESA, Espanhol, de 1.307 ton., de Leixões, com carga em trânsito.

COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, com adubos.

#### Saídos:

MADALENA, Português, para o Funchal, com figos secos e sal.

CONDESA, Espanhol, para Génova, com conservas.

### TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

## Anúncio

No dia 31 de Outubro de 1956, por 11 horas, no Tribunal desta Comarca, na Execução Fiscal que corre na Secretaria do mesmo Tribunal contra Alberto António da Silva, proprietário em Alcaria, freguesia de Odeleite, desta Comarca, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor indicado, os seguintes prédios apreendidos daquele executado:

1.º — O direito a uma terça parte numa courela de terra de várzea, com oliveiras, no sítio das Coroas, freguesia de Odeleite, desta Comarca, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 6.088 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 6.865, a fls. 161, v.º do livro B n.º 16. Vai à praça no valor matricial total de 6.507\$00.

2.º — O direito a três quintos numa várzea que consta de terras de semear no sítio da Várzea do Cascalho ou Guarda do Cascalho, freguesia de Odeleite, desta Comarca, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 297.º e 298.º e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 6.866, a fls. 162, do livro B n.º 16. Vai à praça com o valor matricial global de 2.059\$20.

3.º — O direito a uma quinta parte numa courela de terra de semear, com chapeiros, no sítio das Lombadas, freguesia de Odeleite, desta Comarca, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 8.028 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 6.877, a fls. 162, v.º do livro B, n.º 16. Vai à praça com o valor matricial total de 8.676\$00.

São por este citados os credores desconhecidos do executado para assistirem à praça e deduzirem os seus direitos, querendo.

Fica a cargo dos arrematantes o pagamento por inteiro da respectiva sisa.

Vila Real de Santo António, 8 de Outubro de 1956.

O Chefe da Secção,

a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

a) Francisco Nunes Correia

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

# EXCESSOS DEGRADANTES E PERIGOSOS

NINGUÉM ignora nem des-  
conhece que, para se  
verificar uma harmonia  
e até bem-estar na exis-  
tência do indivíduo, se tor-  
na necessário aplicar à vida  
prática umas quantas re-  
gras, sem as quais essa  
harmonia não se pode al-  
cançar.

Mas, para que esse con-  
junto de circunstâncias não  
avassale perigosamente o  
indivíduo, também é preci-  
so que este utilize o seu  
bom senso e inteligência,  
de forma a conseguir uma  
indispensável moderação e  
equilíbrio na realização dos  
seus desejos e necessidades.

Em todas as manifesta-  
ções da vida tem de haver  
sempre moderação e equi-  
líbrio — no comer, no ves-  
tir, no dormir, no calçar,  
no fumar, no andar, etc. Se  
essa condição não for obser-  
vada, logo a máquina hu-  
mana se ressentirá, por ve-  
zes com funestas conse-  
quências.

Vêm estas considerações  
a propósito de uma local  
que um importante diário  
do Porto publicou, e da qual  
damos um sucinto resumo.  
Em determinada localidade  
do País, reuniram-se vários  
indivíduos — gastrômaní-  
acos de respeito — cujo nú-  
mero a notícia não relata,  
e que se constituíram em  
grupo, para confraternizar  
todos os anos, aproveitando  
a oportunidade para faze-  
rem uma espécie de compe-  
tição, a ver qual deles come  
mais.

Segundo o mesmo jornal,  
o referido grupo consumiu,  
em dois dias e duas noites,  
os seguintes alimentos: 300  
litros de vinho, 10 de aguar-  
dente, 480 pirolitos, 200 cer-  
vejas, 3 garrafas de genebra  
e um almude de café. 2  
carneiros (90 quilos), 30 qui-  
los de vaca, 25 galinhas, 2  
paços (4 quilos), um presunto  
(6 quilos), 110 quilos de  
pão de fabrico caseiro, 10  
arrobas de batatas, 5 arro-  
bas de tomates, 10 quilos  
de bacalhau, 176 pimentos,  
200 ovos, 60 queijos, 20 pe-  
pinos, 200 almôndegas, 5  
latas de bolacha e 15 litros  
de abafado.

Por sua vez, o comilão-  
mor e herói desta bacanal  
ingeriu, durante o tempo  
em que decorreu a «festa»,  
o seguinte: perna e meia  
de carneiro, duas galinhas  
inteiras e as miudezas de  
mais quatro, 28 ovos, 69  
almôndegas, meio quilo de  
presunto e 800 grs. de paio,  
11 quilos de batatas e 8 de  
tomates, um quilo de baca-  
lhau com 29 pimentos, 5  
quilos de pão, 9 pratos de  
caldeirada, 7 queijos, meio  
quilo de bolachas, 21 litros  
de vinho, 8 decilitros de  
aguardente, 19 cervejas, 3  
decilitros de abafado e 12  
cafés.

Mais informa a notícia  
que este indivíduo não so-

fre de qualquer doença.

Ora aqui é que não esta-  
mos de acordo. Ele, se não  
sofre de diabetes, deve ter,  
pelo menos, uma forte per-  
turbação mental que lhe  
permite abusar do seu or-  
ganismo duma maneira tão  
estúpida e ignóbil, sem pen-  
sar, sequer, no ridículo a  
que estaria sujeito com a  
divulgação de tão estrava-  
gente notícia. A cova, ce-  
do espera estas pobres cria-  
turas, que parecem ter na  
vida uma única aspiração:  
mastigar e engolir.

Nos tempos actuais, em  
que uma grande parte da  
população trabalha e luta,  
por vezes desesperadamen-  
te, a fim de conseguir uns  
parcos escudos para matar  
a fome, chega a ser um es-  
cárnio a maneira como cer-  
tas pessoas levam a vida,  
comendo em dois dias o  
que muita gente não come  
em dois meses. Infelizes  
aqueles que colocam o estô-  
mago acima do seu próprio  
cérebro e da sua inteli-  
gência.

E' curioso notar que, al-  
guns dias após a publica-  
ção desta notícia, o mesmo  
diário inseria a seguinte  
local: «Dayton (Ohio), 11 —  
Louis Angoff, de 25 anos,  
apostou 25 dólares que era  
capaz de beber dezasseis  
«Cocktails» em duas horas.  
Ganhou a aposta por boa  
margem, pois bebeu os de-  
zasseis cacharolletes em 1 h.  
e 20 m. Mas daí a bocadi-  
nho tiveram de levá-lo para  
fora do «bar», porque o ho-  
mem abafava. E não tar-  
dou que, no passeio da rua,  
o homem sucumbisse».

Torna-se, pois, necessário  
denunciar este e outros dis-  
lates e extrair deles aquela  
lição de equilíbrio e sensa-  
teiz que fazem distinguir o  
homem dos animais irra-  
cionais.

Acima de tudo, cada in-  
dividuo deve ter sempre  
presente a prática de actos  
que o nobilitem e que lhe  
permitam continuar na so-  
ciedade com dignidade para  
si e honra para a espécie a  
que pertence.

**EXCELSIOR**

As melhores tintas para  
navios de pesca e comércio



**FABRICA DE TINTAS  
EXCELSIOR**

**TINTAS PARA A  
CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositarário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República  
— Telefone 12 —



## DESPORTO BASQUETEBOLE TORNEIO DE ABERTURA

Olhanense, 39 - Lusitano, 43

Jogo efectuado em Olhão,  
no campo do «G. D. «Os  
Olhanenses».

Árbitro: José Bruno.

Olhanense: Nuno (1), Cor-  
reia (3), Flávio (12), Soares,  
Evaristo, Abrão (6), Brito  
(15), Falcão, Pitê e Amo-  
rim (2).

Lusitano: Angelo (4), Gavi-  
no (2), Andrade (14), Bran-  
co (17), Albano (4), Arman-  
do (2), Salas e Jara.

Antes do jogo principiar,  
o capitão da equipa do Olha-  
nense ofereceu uma lem-  
brança, em nome do seu  
clube, ao Lusitano, por ser a  
primeira vez que esta equi-  
pa disputava provas oficiais.

O Lusitano teve estreia  
feliz, pois venceu o Olha-  
nense no primeiro jogo a  
contar para o Torneio de  
Abertura.

No primeiro tempo, o  
Olhanense vencia por 21-15,  
mas os jogadores do Lusi-  
tano, talvez por estarem  
pouco adaptados ao ter-  
reno de barro e as tabelas,  
estavam a realizar uma par-  
tida de nível muito inferior

ao que na realidade valem.

Principalmente a defesa,  
estava a deixar-se bater  
muito facilmente e os avan-  
çados contrários não tin-  
ham dificuldade em en-  
cestar.

Mas, no segundo tempo, o  
Lusitano começou a jogar  
melhor e logrou vencer o  
desafio, com inteiro mereci-  
mento, pois foi superior ao  
adversário e pôde então de-  
monstrar um pouco mais  
daquilo que realmente sabe.

No Lusitano, todos se es-  
forçaram por realizar o me-  
lhor, mas é justo salientar  
Andrade e Branco, os dois  
melhores encestadores da  
equipa; no Olhanense, to-  
dos cumpriram bem, com  
realce para Flávio e Brito,  
dois rapazes com muito  
jeito.

A arbitragem satisfaz.

Ginásio, 49 - «Os Olhanenses», 45

No segundo jogo da noite,  
o Ginásio, realizando uma  
boa partida, venceu com to-  
do o merecimento a equipa  
de «Os Olhanenses».

S. Salas

## HÓQUEI EM PATINS

Encontro de despedida do jogador  
do Juventude H. C., Jeannot.

Jogo efectuado no Parque de Ins-  
trução dos B. Voluntários.

Árbitro: Emilio Salas.

Juventude: J. Luís, Clemente,  
Malito (1), Faisca (3) e Jeannot (3).

Seleção: Gica, Geraldo, Casta-  
nheira, Campinas e Desidério (1).

O jogo terminou com a vitória do  
J. H. C., por 7-1, que ao intervalo  
já vencia por 5-0.

As duas equipas entraram no  
rinque ladeando o homenageado, a

quem foi oferecido, antes do jogo  
principiar, um lindo ramo de flores  
por uma gentil menina, como prova  
de simpatia.

O prélio decorreu num ambiente  
de disciplina e camaradagem sem-  
pre imprescindíveis nestas mani-  
festações de amizade.

Apesar da boa réplica oferecida  
pelos componentes da selecção, a  
equipa do Juventude logrou vencer  
de maneira indiscutível.

Notou-se, no entanto, a falta de  
treinos dos jogadores, o que é de  
lamentar, visto que em todas as  
épocas tem havido mais interesse  
entre os jovens hoquistas.

Quando a trabalho individual, no  
Juventude H. C. todos fizeram por  
cumprir; no entanto, destacamos  
Faisca e Jeannot, autores de 3 golos  
cada um; na selecção, Castanheira,  
Desidério e Gica foram os melhores.

A arbitragem agradeceu.

A noite, celebrou-se um jantar de  
confraternização entre todos os jo-  
gadores, o qual decorreu em grande  
ambiente festivo.

## AS FESTAS DO OUTONO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

folclóricos e de propaganda  
comercial e industrial, em  
que Lisboa, bairristicamen-  
te, se esmerará, tudo fazen-  
do prever um sentido de  
organização e de bom-gos-  
to, tão bem conhecidos de  
todos, através das caracte-  
rísticas «Marchas Popula-  
res» S. Joaninas e da sua  
alma sempre aberta a todas  
as realizações sobre que im-  
pende o seu brio.

Mas não falta, para além  
disto, a nota sentimental,  
nas «Festas do Outono» a  
realizar. Dizendo bem com  
a ténpera portuguesa e com  
a nota sensível de saudo-  
sismo, sensibilidade e ten-  
nura que o Outono refina  
e de que se envolve a nos-  
sa idiosincrasia, não podia  
deixar de desprender-se-  
nos da alma algo de cari-  
nhoso e de tocante: — Lis-  
boa dá um novo sentido às  
suas «Festas do Outono»,  
na medida em que, propor-  
cionando matéria de diver-  
timento e de desenvolvi-  
mento do gosto popular,  
contribuirá com os óbolos  
decorrentes do que vier a  
constituir a receita dos fes-  
tejos, para alívio daqueles  
que precisam.

## PORTUGAL NA DEFESA DO OCIDENTE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

conflito, num dos pontos  
«vibráveis». Não é tudo,  
porém. Portugal possui no  
Atlântico central o único  
cordão de ilhas «que englo-  
ba os postos avançados ge-  
rais da defesa da Europa  
ocidental, e que ao mesmo  
tempo constitui a linha de  
contacto avançada da defen-  
sa da América no cordão  
de cintura envolvente da  
Europa nuclear, no caso de  
uma guerra periférica con-  
tra ela, na defesa da civili-  
zação» — palavras do gene-  
ral Botelho Moniz.

Dos portugueses, depen-  
de, portanto, em muito, a  
defesa da Europa e de toda  
a civilização do Ocidente.  
Nesse papel, tanto nos cabe  
a defesa dos outros como  
a de nós mesmos. Portu-  
gal não é apenas a faixa  
de terra metropolitana, en-  
trada de um continente e  
ponto de partida de um  
combate estratégico a pos-  
síveis forças ofensivas. Portu-  
gal é hoje mais do que  
nunca o Ultramar também.  
E no Ultramar é que nos  
caberia uma defesa bem  
grave, pela extensão dos  
territórios, pela distância a  
que se situam e pela nossa  
disponibilidade de efecti-  
vos. «Problema difícil de  
balanceamento de forças,  
que os compromissos inter-  
nacionais assumidos da de-  
fesa da civilização torna  
mais premente» — assim o  
classificou o general Botel-  
ho Moniz. «As defesas  
nacionais atlânticas têm de  
integrar-se hoje na defesa  
conjunta do mundo livre.

Na guerra global não exis-  
te nação alguma, por mais  
forte que seja, que possa  
autobastar-se nos campos  
político, militar ou econó-  
mico, em caso de guerra».  
Assim é. No interesse  
geral, e no de nós próprios,  
temos de ajudar a assegu-  
rar a comunicação entre os  
mares e os continentes. E  
a Península oferece ligação  
entre a Europa e a África  
e entre o Atlântico e o Me-  
diterrâneo. Mas também  
temos de velar pelo patri-  
mónio ultramarino. E as-  
sim, o esforço militar por-

tuguês tem de ser enorme,  
porque temos de cumprir e  
honrar os nossos compro-  
missos internacionais, e por  
outro lado temos igualem-  
te de cobrir a defesa de  
todos os nossos territórios  
de além-mar.

De resto, a defesa do Oci-  
dente e dos europeus não  
se faz só aqui na Europa.  
Há toda uma civilização es-  
palhada pelo mundo, posi-  
ções mantidas pela tradição  
e pelo direito, que hoje se  
tornam alvo da cobiça e de  
ameaças — é o caso de Goa.  
E em todo o lado onde  
uma posição europeia perige-  
gua é a própria Europa que  
corre o risco de soçobrar.

Rosália Braamcamp

### VENDA DE PROPRIEDADES de Manuel Bravo Gomes

Vende todas as suas  
propriedades, confinantes  
com a Junta Autónoma  
das Estradas do Dist-  
rito de Faro:

Quinta das Cevadeiras,  
Quinta do Monte Tamissa,  
e Courelas no concelho  
de Vila Real de Santo  
António e Arrecadinha no  
concelho de Castro Marim.

Esta venda é feita por  
motivo de desejar com-  
prar outras propriedades  
que não confrontem com  
a mencionada Junta Au-  
tónoma das Estradas do  
Distrito de Faro.

Quem pretender dirija-  
-se ao seu proprietário,  
em Vila Nova de Cacela  
ou em Vila Real de Santo  
António.

### MORADIA E ARMAZÉM

Vendem-se, no  
centro da vila.  
Trata o construtor  
civil, Mateus  
Fernandes.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
RUA BARÃO DO RIO ZEZERE, 19

**JOSE BENTO DE SOUSA e FILHO**

DE  
**MERCENARIA NOVA**

S O N A

não pagando lucro?

VIDRO ou TOUÇA «VISTA ALEGRE»

Deseja comprar V. Ex.ª lindas ofertas em

... M I S

**A T E N Ç Ã O**

A Papelaria e Livraria «ARTYS», avisa os Ex.ªªs  
Pais e Encarregados de Educação de que, além de ter  
todo o material necessário aos estudantes, facilita-lhes a  
sua aquisição, com a abertura de uma conta corrente.  
TODOS A «ARTYS» — Rua de Santo António, n.º 92  
(frente ao Café BRASILEIRA — F A R O)

**Clínica de Santo António**  
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do  
**Dr. Albano de Lencastre**

Rua Guilherme Gomes Fernandes  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**LUZIRÍ**

Na sua recente fórmula, o melhor de todos os limpa-metals

EXPERIMENTAR É CONTINUAR!

**ARGENTA**

Prateador de todos os metais à base de prata pura, que as pra-  
tas limpa, como nenhum outro, restituindo-lhes o brilho perdido

PEDIDOS A:

**LUZIRÍ e ARGENTA**  
Rua Diogo Bernardes, 16-2.º Esq. — LISBOA

**COMPRA-SE**

Uma casa, nas pro-  
ximidades do crua-  
mento das ruas S.  
João de Brito e Artil-  
haria n.º 1.

Informa-se nesta  
Redacção.

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

A VINGANÇA DOS INSPIRADOS

Bossuet, nos seus tempos de escolar, foi o mais infatigável, assíduo e metódico dos estudantes. E os camaradas, por despeito (referimo-nos aos camaradas preguiçosos), faziam espírito com o seu nome: bos suetus aratro, expressão através da qual insinuavam, mais ou menos, que ele não passava de boi jungido ao arado.

Foi sempre baída dos «inspirados» o sombaram dos trabalhadores. Os «inspirados» sempre consideraram a transpiração como coisa pelintra. Mas para eles chegava Edison, ao definir génio como 1% de inspiração e 99% de transpiração: one per cent inspiration and ninety-nine per cent perspiration.

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

«Não me procurarias, se não me tivesses encontrado.» Assim se diz no texto sagrado. Pois, e por mais paradoxal que pareça, também o investigador científico não procuraria certas verdades, se as não tivesse já... pressentido. As hipóteses formuladas pelo investigador científico mais não são do que pressentimentos da verdade procurada. São verdades encontradas (provisoriamente encontradas) antes de o serem. À maneira da pescada, antes de o de o serem, já o eram...

Por associação de idéias, o texto sagrado nos lembrou aquele loutro de Maine de Biran (mas é mesmo deste filósofo?): «Nul homme est capable de recevoir la vérité de dehors, ou de l'entendre, si elle n'est déjà en lui.» E, com efeito, o genial investigador científico como que antecipa em si as verdades que depois descobre no mundo exterior. Mas importa — está bem de ver — que o investigador seja genial.

Não o sendo, as suas perspectivas sobre a verdade serão sempre de batráquio... Só o investigador genial tem perspectivas aquilinas.

DORES COM ALEGRIA,

ALEGRIAS COM DOR

Há alegrias que, no fundo, encerram dor — tais as alegrias postizas dos dísticos que se gastam na barbúria e nas orgias inconfessáveis — e dores que, em si, levam inefáveis alegrias. A dedicação incondicional a um credo religioso, quando a prática desse credo implica a perseguição vinda de fora (lembremos os primeiros mártires do Cristianismo), está precisamente nas condições da dor sofrida com prazer. Cada um dos mártires que se deixa atormentar por amor do seu credo poderá fazer suas as sublimes palavras do Apóstolo: «Superabundo gaudium in tribulationibus meis: Sinto-me a transbordar de alegria, no meio das minhas atribuições.»

VIDA INTERIOR

Dize-me a vida interior que tens, e eu te direi quanto vales. É a densidade da vida interior que eleva o homem. O homem rarefeito por dentro, todo voltado à agitação exterior, impremeditada, desordenada, pouco ou nada vale. Mas também a pura vida interior, herméticamente calafetada para fora, não adianta nada. Importa que a riqueza interior se exteriorize na realização de obra que aproveite à humanidade. Mais deve quem mais pode. E' aos melhor dotados que maiores responsabilidades se devem pedir. Aos melhor dotados, e não à sucata.

PATRIOTISMO

Quando um político fala muito de pátria, da bandeira da pátria, dos sacrifícios que a pátria se deve, da glória da pátria, da honra da pátria, ou já a fez, ou está para pregá-la... Ou se quer manter no poleiro, ou a ele quer subir. A pátria é, para ele, apenas um pretexto retórico, com o qual pretende narcotizar desprevenidos.

Nisto de patriotismo, o verdadeiro patriota não o prega, não faz retórica com ele, — pátrica-o, que é essa a maneira mais eloquente de provar que não está incurso na ironia de B. Shaw: «Quem sabe faz, quem não sabe ensina...»

Visado pela Comissão de Censura

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

Crónica de Viagem

O desenvolvimento Cinematográfico na Indonésia

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

representados por actores indonésios.

Além disto, os filmes de acção, contemporâneos, importados da América, também exerceram grande influência nos produtores cinematográficos indonésios, pelo que muitos deles produziram versões indonésias dos filmes de Hollywood. Assim, os filmes «Alang-Alang» e «Filha da Selva» foram nítidas imitações dos filmes americanos «Tarzan» e «Princesa da selva».

Em 1957, a Indonésia produziu o filme «Lua brilhante», no qual os papéis principais foram interpretados por Raden Mochtar e Rukijah, sendo o tema a vida diária do povo da Indonésia. O sucesso obtido fez com que muitos produtores chineses modificassem os seus objectivos sobre o público indonésio. Desta maneira, a produção de filmes indonésios cresceu rapidamente.

Pouco antes do início da Guerra no Pacífico, foi produzido um novo filme «Kartinah». Distingue-se dos anteriores pelo facto de mostrar, pela primeira vez, cenas de ataques aéreos e outros meios modernos de fazer guerra. Por essa altura, a Indonésia — então ainda chamada as Índias Neerlandesas Orientais — estava ocupada na organização de um serviço de «raids» aéreos para enfrentar as possibilidades de uma invasão japonesa. O produtor tentou, assim, atrair o público, produzindo um filme com a atmosfera real que então prevalecia nas cidades indonésias. Os resultados foram satisfatórios.

Durante o período japonês, o cinema na Indonésia foi utilizado para fins de propaganda japonesa e as Companhias chinesas foram todas encerradas. Além da produção de filmes de fundo, os japoneses fizeram jornais de noticiário e documentários.

Porém, após a 2.ª Guerra Mundial e a proclamação da Independência da Indonésia, começaram a estabelecer-se algumas companhias cinematográficas: a Perfini e a Persani, em Djakarta, e a P. F. N., pertencente ao Ministério de Informação. Esta produz as 5 categorias de filmes (noticiários, documentários e filmes de fundo) e aquelas apenas produzem filmes de fundo.

Eis os títulos de dois filmes que, então, mais se destacaram: «Pela causa da bandeira vermelha e branca» e «O rapaz inválido», este premiado em 1952 no Festival Internacional de Cinema da Checoslováquia.

Enquanto em 1942 só havia duas companhias cinematográficas, em 1952 existiam 15; em 1948 foram rodados apenas 2 filmes, e em 1952 atingiu 62 filmes de fundo.

No que respeita ao equipamento, também houve grande progresso nas Companhias; actualmente há 15 estúdios, incluindo o da P. F. N., que está equipado com material moderno. E, aliás, como é lógico, esta Companhia estando ao serviço do Governo, acentua mais os elementos idealísticos do que os comerciais, na produção das películas. Por vezes, cede os seus estúdios às outras companhias.

Nos últimos anos, o progresso nos filmes nacionais tem sido apreciável, e desta forma a Indonésia espera, num futuro breve, não depender mais dos filmes de importação.

Na Indonésia passou a realizar-se anualmente o Festival do Filme Indonésio, com o objectivo de estimular o aperfeiçoamento da técnica dos filmes nacionais, encorajar a comunidade a apreciá-los e a escolher o melhor filme indonésio que há-de ser enviado ao Festival do Filme do Sueste da Ásia, que se realiza em Singapura.

Actualmente, está a realizar-se em Macassar um filme sobre as crueldades cometidas pelo capitão do Exército holandês, Westering, intitulado «Quarenta mil vítimas», em produção conjunta da Lespira e da P. F. N., cujo principal papel deve ser desempenhado por Mangga Barani.

Eis, pois, para os interessados em matéria cinematográfica, a traços largos, o que foi e é a indústria cinematográfica na Indonésia.

Rollin de Macedo

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribua para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

SOMBRA DE MULHER A NOBRE VIRTUDE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dade. Vai com Deus e procura seguir sempre a moral religiosa, sem olhares aos que procedem mal!

\*\*\*

Recolhi a casa e não jantei. A morte do amigo e a advertência do meu superior alteraram a minha habitual alegria. Minha mulher estranhou-me. Tentou penetrar no meu estado de alma, com afecto e delicadeza. Mas não conseguiu. Tudo foi inútil. Só me apetecia estar isolado, meditar e escrever. Contudo, o meu espírito divagava à roda do fantasma do morto, dos serões que não voltariam, dos seus conselhos inteligentes e sensatos, das suas leituras em voz alta para três ou vinte apenas. Eram o Luís, ajudante de farmacêutico, o Amadeu, barbeiro da aldeia, e eu, o João, sacristão da freguesia.

Três rapazes, com menos de trinta anos de idade, mas casados, com filhos a sustentar, e sem vícios conhecidos.

Após o jantar, lá fomos os três para o cavaco no estabelecimento do amigo Fernando Melo. Tudo desapareceu; todavia, e ele bem nos dizia, a rir: «Qualquer noite o meu coração pára e eu sigo para a última viagem.» Nós os três, animadamente, fazíamos este comentário: «O sr. Fernando pensa que vai morrer aos 80 anos de idade, mas o seu aspecto é de um homem mais novo.»

Ele, solto, acudia imediatamente: «Quando se chega a esta idade, com a mola real avariada, a nossa vida esvai-se como o fumo.» E declamava estes versos de João de Deus:

A vida é ai que mal soa,  
A vida é sonho que foge,  
A vida é o dia de hoje  
E como o fumo se esvai...

Falava de tudo com conhecimento de causa, este homem modesto, sereno, metódico e viajado. Dele se deve dizer o mesmo que doutros que marcam na vida social da sua Pátria: «Comeu o pão que o diabo amassou.»

Mal se espalharam na Europa as teorias científicas do professor Freud, ele entrou a estudá-las com uma curiosidade palpitante. Todas as horas vagas passavam vertiginosamente ante aquele vasto panorama de taras, fobias, desequilíbrios e anomalias da besta humana, que Zola, anos antes, tentou devassar à luz de um critério pouco científico e muito literário.

Freud foi além dos limites conhecidos por Charcot, Lombroso, Ferri e outros.

A psicanálise veio desvendando mistérios pavorosos que se debatem no fundo da alma humana, tanto nos homens como nas mulheres.

Uma noite, saímos dominados por um terror mental, quando ouvimos o sr. Fernando explicar isto: «Freud lembra que a experiência já demonstrou que, mesmo nos casos de simples colaboração, se estabelecem relações pela libido entre os indivíduos, tal como se dá nos internatos, conventos e quartéis. O amor é, pois, o eixo da Humanidade. Mesmo o amor na sua manifestação mais animal: a luxúria.»

Em outros serões, o sr. Fernando falava de mulheres, umas sombras boas ou más que desnozeiam os homens, que os conduzem à felicidade, ao manicómio ou à morte.

Alguma coisa de instrutivo e útil nos ensinou esse homem de aparência rude, enérgica e voluntariosa.

Uma das palestras que mais prenderam a minha atenção foi a de três mulheres interessantes, cada uma no seu ambiente social diferente, bonitas, novas, fatídicas.

Vou buscar um caderno de apontamentos em que registei esses três lances amorosos, emotivos pelo seu naturalismo inédito.

A minha retina, longe de possuir a vitalidade cerebral do nosso amigo, procurou reter no papel os tópicos principais dessa noite deliciosa, indelévelmente colada ao espírito dos três convivas.

\*\*\*

O sr. Fernando, como toda a gente o tratava, iniciou a sua palestra sobre a influência que as mulheres exercem nos homens desta forma simples.

O sexo fraco, geralmente, mantém o sexo forte a uma distância respeitável.

Nos países do norte da Europa, devido ao frio, ao temperamento e à educação, a mulher vive mais em contacto com o homem; nos países do sul da Europa, o contacto torna-se sensual e explosivo,

perigoso até. O Eça, com o seu esplendoroso e verbal humorismo, definiu esse perigo assim: «O português, quando não pode abraçar uma mulher com os braços, abraça-a com os olhos.»

Trata-se de um caso de meridiano ou de fisiologia animal? Para mim, há nesta interrogação um mundo em que os próprios tratadistas se confundem e contradizem.

O mar dominou com a sua fascinação os meus primeiros sentimentos, sonhos e ambições. Não admira. Do lado materno, todos os meus ascendentes foram marítimos; meu pai foi um valente marinheiro.

As manifestações raciais borbulhavam em todo o meu organismo, mas meu pai, com suavidade e prudência, dizia-me: «vai para o comércio, que a vida do mar é áspera, incerta e perigosa.» Falava verdade, mas a maioria dos rapazes do meu tempo gostava imenso de contrariar os conselhos paternos. Fui para a vida do mar. Aos 18 anos embarquei no lugre «S. José de Ribamar», como praticante de piloto. Ali travei conhecimento com um colega da mesma idade, natural da Ericeira e de nome José da Felicidade.

O navio carregou de milho para S. Tiago de Cabo Verde. A seca de três anos seguidos provocou a fome, e o governo acudiu a essa infeliz gente com milho, carne de porco salgada e peixe seco.

À chegada do lugre a S. Tiago reinou extraordinária alegria e o governador foi ovacionado.

Para a tripulação do lugre já estava correspondência da família, trazida pelo vapor da carreira. O capitão mandou logo a terra o outro praticante buscar a correspondência.

O José da Felicidade partiu, cheio de contentamento. No regresso, vinha cheio de tristeza. Estranhei o facto. Interroguei-o como amigo, e ele, em voz baixa, segredou-me:

«Recebi uma carta de minha mãe, que me despedaçou o coração!»

E nada mais. Um mutismo febrez fechou-lhe os lábios. Foi para a ré e desceu à câmara. Eu, no convés, assistia à descarga e apontava os sacos de milho que vinham do porão.

Decorrida uma hora, estranhei a ausência do meu colega e fui chamá-lo. Estava no seu beliche, morto, quase frio, com um punhal cravado no coração.

Dei o sinal de alarme. O capitão desceu à pressa e foi ao meu encontro. Arrancou-lhe da mão esquerda uma carta amarrotada — a carta da mãe. Dava-lhe diferentes novidades, sendo esta a última: «A tua namorada Salomé casou ontem com um lavrador de Mafra, muito rico e muito bruto. Todo o povo teve pena daquela linda rapariga!»

E eu, sucumbido, entrei a filosofar nas encruzilhadas da vida e na infelicidade do meu querido camarada José da Felicidade!

(Conclui no próximo número)

Marcos Algarve

UMA «GRASNADELA» INFELIZ

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ta por alguém que, além de Artista, tem tido pesadas responsabilidades em reconstituições de carácter histórico, com larga projecção nacional — e, por isso mesmo, já deveria ter descoberto que o melhor local para erigir um monumento ao Infante só poderia ser em Sagres, embora isso represente um insucesso de bilheteira...

Como nunca poderíamos, nem mesmo fazendo um desesperado apelo a todas as reservas de bilis, acusar tão instinto «corvo» de burrice — parece-nos que esta fífia «monumental», o único senão da espirituosa partitura, só pode explicar-se como... uma grasnadela infeliz!

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

DA CARIDADE LUSITANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nossa tradição foi sempre a de católicos; e a doutrina de católicos, no variar dos tempos, é uma só e a mesma — não podia o Estado Corporativo de Salazar senão seguir decididamente já as tradições, já a doutrina em que nos criámos e formámos, desde o berço de Portugal. Daí, muito logicamente, sem novidade de espécie alguma, o que fez o Estado — na parte de assistência aos doentes e aos pobres — foi aquilo que lhe competia — sobretudo em hora e circunstâncias de penúria e desordem — estabelecer as condições gerais, fundamentais, porque a mais não era — nem nunca

UMA ESTATUA PARA AMÁLIA!

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da. Fatigada, Amália declara com a modestia própria das grandes figuras: *Que sim senhor, teve êxito. Todos estávamos mortos de saudade por si — diz o locutor — nem esqueçamos o dia do seu aniversário. Calculem! Amália, a «menina bonita» dos portugueses. Amália, a única vedeta portuguesa com projecção internacional. Amália, a embaixatriz de Portugal. Amália: a única, a excelsa, a incomparável, a divinal... Amália, e está tudo dito!*

Mas, afinal quem é esta Amália? Uma poetisa ilustre? Uma insignificante concertista? Uma actriz célebre? Uma notável declamadora? Uma pintora de mérito? Uma artista lírica de nomeada? Uma admirável bailarina? Uma escultora de génio? Uma famosa escritora? Nada disso. Amália não é nada disso. Amália — pasmem, senhores! — Amália é uma fadista.

Mas então, que aconteceu ao espírito dos portugueses? Até que ponto se encontram preventivos o gosto artístico e a cultura dos portugueses?

Não tentemos negar aquilo que Amália possui: uma excelente voz para o fado, acrescida dum decidida e lídima vocação para o género. Porém fazer de Amália o maior cartaz internacional do nosso país, incensar Amália ao ponto de lhe chamar a «Deusa do Fado» — isso não, isso nunca. Repare-se nisto: o grande compositor português Fernando Lopes Graça esteve, há tempos, em Paris, onde apresentou com notável sucesso algumas das suas composições. Tiveram os leitores conhecimento do facto? Esperou-se o artista quando do seu regresso? Ofereceram-lhe um almoço de homenagem, sobejamente merecido por alguém que honrara, de facto, o seu país no estrangeiro?

Tudo isto seria dum ridículo extremo, se não fosse tão incomensuravelmente triste, tão sintomático dum crise do pensamento, da cultura, do bom senso, etc. Estou a lembrar-me dum passo do *Didrio*, de Torga, em que o grande poeta se refere ao fado num comentário ácido que não me atrevo a transcrever. Procurem-no na página 118 do 1.º volume e depois digam-me se isto não está errado.

Bem sei que para a glória imortal (?) de Amália, estas linhas indignadas que aqui ficam, perdidas num canto dum simples jornal de província, nada significam e em nada a podem empanar. De resto, modesto escrevinhador que somos, rendemo-nos à evidência, e depomos aos pés da grande Amália toda a nossa ilimitada admiração (aquela admiração que até agora, ingenuamente, reservámos para os Régio, Torga, Ferreira de Castro, Villaret, etc.). E, senhoras e senhores, lançamos imediatamente a ideia que justifica esta nota: vamos erigir um monumento a D. Amália Rodrigues. Uma estátua para Amália — pois então!

Gaia, 11 de Junho de 1956.

Carlos Porto

(De «A Planície»)

será — obrigado. Orientar superiormente a assistência, nos aspectos que acima dissemos, é ordená-la, sistematizá-la, fomentá-la; todavia, nunca suprir — senão no indispensável, no que não pode deixar de ser, considerando a mesma no plano nacional, do interesse comum — a iniciativa individual, ou seja o dever que a todos nos cumpre de auxiliar, com os nossos donativos, com as nossas esmolas, as instituições que se dedicam a bem-fazer ao próximo, e, por meio delas, os nossos irmãos necessitados e doentes ou inválidos. Fivemos, duma vez para sempre, esta doutrina — que o Estado Corporativo de Salazar bebeu na doutrina da nossa fé secular — para, se coraçãos temos, e se reações nos aconteça o mesmo, que um dia sejamos pobres — os ricos também acabam pobres, que a história nolo diz — ou doentes, do que ninguém se livrou jamais, nos compadecemos dos nossos irmãos pobres ou doentes pobres, e os ajudarmos, o mais generosamente possível, com o que nos sobra das nossas mesas, do nosso passado, do nosso conforto, da nossa saúde. Corresse mundo esta racionalíssima doutrina, que, «pari passu», é realíssima, e já o mundo seria, senão um paraíso, um lugar de fraternidade — que a fraternidade medra as raízes na desgraça.

Saibam, pois, os portugueses, correspondendo às intenções do Estado Corporativo, pessoas de bem, que deseja o bem de todos os portugueses, colaborar com o Estado Corporativo, no particular mais humano e cristão, qual é o de auxiliar seus irmãos pobres ou necessitados, e doentes pobres: — auxiliar as instituições que se dedicam a bem-fazer, a não lhes faltar com o que lhes pode sobrar — e que lhes não sobrasse, pois o sacrifício por bem-fazer ao próximo é santo, aos olhos de Deus — da mesa, do vestuário, do ganha-pão, dos rendimentos, de tantas coisas que fazem o deleite dos ricos. Não esqueça o leitor aquela parábola do rico avarento, que Cristo contou — não por contar, senão porque, sendo Ele, como Deus, a Verdade, nos queria dizer a sorte eterna que nos espera, se neste mundo a quem tiver fome não dermos de comer, a quem tiver sede não dermos de beber, a quem nu estiver não vestirmos. O Estado não é obrigado a saber destas coisas, mas os católicos — que são quase todos os portugueses — devem saber que o que aos pobres e necessitados e aos doentes e inválidos e aos que de nós precisam não fizermos, ao mesmo Deus se não faz.

Colaboremos com o Estado Corporativo, ajudando-o nesta santa cruzada de bem-fazer. Demos, assim, a esse mundo de ódios e ambições e egoísmo a lição da caridade que nos ensinou o Divino Mestre.

A. da P.

Assina! e propaga! «Notícias do Algarve»